

Buscas

caminhos existenciais



Lúcio Packter

Lúcio Packter

BUSCAS
caminhos existenciais

Editora Garapuvu
2004

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP).

Packter, Lúcio

P118q Buscas / Lúcio Packter

Florianópolis: Garapuvu, 2004

113p.

1. Filosofia. 2. Filosofia Clínica

I.Título

CDD – 18.ed. 100

ISBN 85-86966-11-8

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem a autorização por escrito do autor, segundo o Artigo 184 do Código Penal Brasileiro.

Conteúdo

Introdução.....	05
Enunciação das Buscas.....	09
Elementos na Historicidade.....	19
Cessação das Buscas.....	26
Fenomenologia das Buscas.....	35
Problema Epistemológico.....	48
Buscas Múltiplas.....	57
Procedimentos Clínicos.....	66
Conclusão	75
Pós-fácio.....	81

Introdução

Algumas pessoas traçam o caminho de suas vidas como as garatujas de Saul Steinberg, de modo desmazelado e irreverente. Não existe firmeza por não haver motivos ou disposição para isso ou por outra razão.

Algumas pessoas conduzem a vida com decisão desvelada semelhante à romana que, prometida ao noivo Valeriano, disse-lhe placidamente estar protegida por um anjo. Somente a Deus ela deveria a dedicação. Agiu com tamanha persuasão íntima que o noivo decidiu-se ao batismo. Ambos veriam, juntos, o anjo. Stefano Maderno fez a bela estátua em mármore de santa Cecília que anuncia seu sepulcro em Roma.

Algumas pessoas desistem de um curso existencial e optam por outro, ou mesmo por nenhum. Johannes Kepler obteve a licença de astrônomo em 1591, na Universidade de Tübingen; ao conseguir o trabalho como professor de matemática, em Graz, abandonou a jornada eclesiástica.

Algumas pessoas compõem suas trajetórias como Erwin Piscator, que dirigiu o teatro Volksbühne, criou o teatro político, montou obras de Gorki e de Hasek, e inovou usando instrumentos acústicos e óticos inéditos em suas peças; aparentemente, conduziu sua vida; assim como outras pessoas compõem suas trajetórias sendo conduzidas.

Algumas pessoas trilham seus destinos associando-se a outras, como Lígia Clark, que em 1959 juntou-se à arte neoconcreta, com orientação de Ferreira Gullar. Nessa ocasião produziu as superfícies moduladas, os contra-relevos, as peças de metal com dobras móveis.

Algumas pessoas são marcadas em seus caminhos por estarem sós, às vezes por opção ou por eventos como tragédias pessoais. Benedetto Croce, ainda menino, ficou desamparado pela morte dos pais em um terremoto ocorrido em Casamicciola; esteve muito sozinho por quase toda a vida.

Algumas pessoas, como Piotr Tchaikovski, que após uma série de consternações e desalentos que culminou com a recepção de indiferença à obra que escrevera

então, podem colocar fim à existência cometendo suicídio, o que parece ter sido o caso do compositor. É oportuno mencionar que por fim à existência não significa encerrar o caminho existencial. A música de Tchaikovski, uma de suas buscas existenciais, prosseguiu o itinerário mesmo sem a presença de seu autor.

Dos caminhos existenciais dessas pessoas e de outras tantas se ocupa este breve ensaio. Trata de algumas questões centrais que são trabalhadas pelo filósofo em seu trabalho na clínica quando a pertinência diz respeito aos destinos, ao significado, às andanças de quem desenha pela vida os mais diversos percursos.

As ilustrações fotográficas exemplificando algumas buscas, colocadas nas páginas a seguir, entre os capítulos, são explicadas no posfácio.



rio Araranguá, litoral sul de Santa Catarina, em sua travessia por vales, arrozais, dunas. Uma Busca às vezes calma.



encontro entre o mar e o rio Araranguá.

Enunciação das Buscas

No noroeste da Grécia, Dodona, havia o oráculo de Zeus, provavelmente o mais remoto. Ali, um sacerdote daria significados aos mandos daquele. O murmulho, semelhante a um ramalhar, das folhas de carvalho indicava as trajetórias.

Enquanto Homero descrevia heróis façanhosos, Hesíodo se ocupava com os deuses, de como governam os percursos humanos.

A trilogia que Ésquilo escreveu em torno de Prometeu, da qual sobrou-nos Prometeu acorrentado, aventa a opção da liberdade, da autonomia do homem diante do capricho dos deuses, à custa de suplícios. O próprio teatro de Ésquilo foi ilustrativo; ele cuidava da coreografia, encenava, atuava e introduziu elementos como a máscara.

Desde sempre, um assunto freqüente na tragédia grega foi o destino. Sófocles promove modificações várias no coro, no número de papéis dos atores, no estilo inicialmente acentuado em Ésquilo. Mas permanece

conformado com as tradições ao reconhecer que os homens nada podem contra os caminhos existenciais que são predeterminados pelos deuses. Antígona e Édipo Rei são exemplares.

Naturalmente, a questão da administração dos destinos humanos levou a outras como o motivo pelo qual o homem deveria viver.

O sentido da vida logo se instituiu como questão.

Compreensões morais receberam implementos e divergências do âmbito da razão (lógica), da metafísica, da educação. Assim, por exemplo, já a partir do princípio do século IV a.C estudiosos como Eudoxo de Cnido e Aristipo de Cirene apontavam como resposta um prazer de natureza, às vezes, negativa, como a imperturbabilidade absoluta da escola de Epicuro. Matizes dessa resposta encontrariam defesa em Hobbes, Locke, Hume, bem como desafeição em Platão, Aristóteles e Kant.

A resposta socrática ao tema é antropológica e moral: os homens buscam a felicidade, que, em composição plena, é o bem.

Para exercer o bem, é suficiente conhecê-lo. Um racionalismo idealista otimista para o contexto grego de então.

A sofística trazia como meta de vida um sucesso calcado em prazer, verdades aparentes, retórica.

Aristóteles, assim como Platão e Sócrates, promove a razão (mesmo em seu caráter contemplativo) como mediadora para o fim último, a felicidade – somente atingida por mecanismos sobretudo morais.

De civitate Dei e Confessiones, de Agostinho, renovam o tema dos cursos existenciais do homem com sua idéia de razões seminais (rationes seminales); se corpos e essências são sementes prontas a germinar conforme a ação do homem, retornamos ao roteiro da salvação como a caminhada em vida.

Quando os turcos otomanos ocupam Constantinopla, em 1453, o Mediterrâneo oriental se fecha. A rota tornou-se rapidamente a saída para o oeste. As diferentes concepções levariam ao Renascimento.

Michelet refletiu em L'Histoire de la Renaissance, de 1855, que o resgate da

antiguidade greco-romana, nas artes, pode ser tida como o alicerce do Renascimento. Sua opinião encontra eco em Jacob Burckhardt, em *Die Kultur der Renaissance in Italien*, de 1860.

As respostas sobre as contigências, acertos, questionamentos da estrada existencial do homem foram elaboradas por meio de releituras do cristianismo e, principalmente, da filosofia greco-latina. A resultante é que o homem se agigantou diante da natureza; conseqüentemente, as concepções religiosas medievais decresceram.

Desde a Itália, com o surgimento da imprensa, as tendências logo alcançaram praticamente toda a Europa. Erasmo de Rotterdam, em *Encomium moriae*, de 1509, defendeu a independência do pensar como poucas vezes se teve. Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rafael mostrariam semelhante independência.

A partir do século XVIII, o Iluminismo acentua o discurso da razão. Evidencia-se a senda pela qual o homem chegará ao sentido de sua vida: a felicidade, por intermédio do saber e da liberdade.

A razão chegava à plenitude, ao menos de seu ponto de vista psicológico. O poder ser, as propensões e não a certeza, a educação, a crítica à tradição e a censura, o livre pensar contra o dogma eram as maneiras de se chegar ao sentido da vida. O absolutismo monárquico estava então vulnerável em seus fundamentos, o que se tornava ainda mais visível diante de fenômenos como o "*despotismo esclarecido*". Galileu Galilei, Johannes Kepler e Isaac Newton, John Locke (em *Essay Concerning Human Understanding*, de 1689), Montesquieu (em *L'Esprit des lois*, de 1748), Voltaire, Denis Diderot e Jean Le Rond d'Alembert, Jean-Jacques Rousseau, Christian Wolff, Immanuel Kant, Giambattista Vico.

Desde então, o entendimento em torno da questão do sentido da vida, dos caminhos existenciais, do motivo pelo qual existimos, quais os pressupostos fundamentais, abriu-se em um leque de compreensões em torno do assunto.

Dante Alighieri, em seu tratado *Monarchia*, explana o dual no destino do homem. O destino é bipartido: a primeira parte

podemos alcançar em vida; a segunda, na vida eterna.

Consideremos algumas opiniões em torno do tema a partir das circunstâncias citadas.

Johann Gottlieb Fichte escreveu em sua obra *Die Bestimmung des Menschen*, 1800, que constava em Deus a infinita vontade moral que habitava todo o universo; isso, mediante o caráter moral, poderia ser averiguado em cada indivíduo.

Foi pelo idealismo alemão de pensadores como Friedrich Schelling que se assimilou a abrangência de Spinoza ao explicar que a felicidade trazia como premissa o exercício da liberdade, e, por decorrência que parecia natural a Baruch Spinoza, a democracia que garantisse a igualdade dos direitos entre as pessoas. A largueza das idéias agora encontraria fertilidade pelos próximos séculos para que fossem arregimentadas propostas vigorosas sobre as buscas humanas.

Em seu escrito *Die Welt als Wille und Vorstellung*, de 1819, Schopenhauer aponta para a vontade como o ser verdadeiro; sendo

irracional, pelo corpo é que se evidencia. O homem passa a inventar instâncias e coisas pelo motivo de querer, de desejar. Eis a origem do mal em Schopenhauer e a liberdade inicia exatamente por esta constatação.

Em *Ecce Homo*, de 1888, Nietzsche pesa sobre o cristianismo em seus pressupostos éticos; a verdade e o belo são ditados na vontade de potência. O que, por conseguinte, tiver origem na fraqueza será mau. Ao arrogar-se ao destino em sua limitação e finitude, o homem pode ser senhor de si mesmo. Isso significa que será o possuidor de sua alegria e de sua tristeza. O além-do-homem estará assim liberto do rebanho das almas caídas na fraqueza.

Henri Bergson em *Essai sur les données immédiates de la conscience*, de 1889, e *Matière et mémoire, essai sur la relation du corps à l'esprit*, de 1896, indica a questão como o problema que o espírito enfrenta por ser introduzido em um mundo que é parte material. Na opinião de Bergson o passado existe na memória, mas o cérebro não permite a versão integral das memórias; restringe dados

conforme as necessidades do momento, do presente.

Gabriel Marcel percebia a epopéia única que o ser humano vivia em comunidade, uma jornada significada também no mistério; mas é em Deus que se encerra a resposta da trágica atitude existencial do homem. *Le Monde casse*, de 1933, e sua intimista obra *Être et avoir*, de 1968, são explicativas da complexidade da jornada.

Albert Camus preferiu outro percurso e, durante a guerra, lança o romance *L'Étranger* e o ensaio *Le Mythe de Sisyphe*, ambos em 1942. Camus então não insinuava um destino que transcendesse o desespero. Ultrapassa essa concepção em obras como *La Peste*, de 1947. A luta contra os desmandos, a impostura que se exhibe pela força e alienação, poderia ser uma resposta possível, existindo consciência para um ato livre. *L'Homme revolte*, de 1951, reforça a atitude de sublevação.

Martin Heidegger, em *Sein und Zeit* distingui que o ser é existência: "estar-no-mundo" (Das in-der-Welt-Sein); o adjetivo último é temporalidade. Existência que foi

lançada ao mundo, o que resta ao homem se não erguer sua essência?

Heidegger identifica uma angústia constitutiva de nossa consciência, que conhece para o que nos projetamos: a morte. Ou seja, viver para morrer, a realidade transcendente final, o objetivo pelo qual existimos.

O entendimento filosófico clínico apresenta variações e desenvolvimentos que se abrem desde as compreensões que mencionamos.

Em Filosofia Clínica, Buscas dizem respeito aos caminhos existenciais de uma pessoa. Tratam de seus sonhos, suas propensões, disposições complexas que a levam para as mais diversas paragens da existência. Em suma, aonde vai a pessoa.

Passamos agora a trabalhar os aspectos práticos da clínica filosófica que problematizam os percursos que uma pessoa percorre durante sua existência.

As questões a seguir conduzem a dúvidas, respostas, equivocidades, convicções.



farol da marinha sobre os rochedos com oitenta metros de altura, localizado entre o rio Araranguá e o mar, próximo à foz, no litoral sul de Santa Catarina.

Elementos na Historicidade

Um modo freqüente pelo qual os caminhos existenciais costumam aparecer na historicidade da pessoa é, inicialmente, sem circunlóquios.

A pessoa então ao historiar sua vida fornece elementos que apontam um percurso. Usualmente, aparece associado a expressões como: *“eu decidi mudar de vida; planejei fazer uma nova faculdade; não poderia continuar daquele jeito; procurei outras coisas; sonhei muito com o que viria depois; meu desejo era o de engravidar; a vontade que eu tinha; eu fugi; enfrentei o problema; lutei para alcançar; programei os meses seguintes; minha intenção nunca foi alcançada; consegui dar passos em minha vida enquanto fui ambicionando; ao idear o futuro, eu resgato meu passado; quis muito ser o que me tornei, mas minha jornada teve o asfalto empreendido por outros; iniciei minha carreira...; estou em constante busca, sempre à cata de novas vivências; meu empenho é para ser a cada dia mais humano; entendo que certas coisas que comecei somente*

serão terminadas pelos meus filhos”. E muitas outras expressões e locuções aproximadas a essas podem ser incluídas neste primeiro referencial.

De modo análogo, inúmeros termos podem corresponder a enunciados de caminhos existenciais: “*vontade, querer, desejar, permitir, elaborar, planejar, desenvolver, romper, partir, retornar, decidir, começar, finalizar, ameaçar, cobiçar, pretender, solicitar, tentar, buscar, trilhar, percorrer, viver, sonhar*” – e centenas de outros termos.

O filósofo clínico somente poderá conferir quais termos e expressões estão relacionados às buscas mediante o aprofundamento na historicidade da pessoa, o estudo dos contextos interligados.

A pessoa pode afirmar que sempre procurou orientar sua vida para os estudos e, no entanto, ao examinar os enraizamentos, o filósofo às vezes pode constatar que tal orientação nunca existiu de fato. Trata-se de um anseio momentâneo.

Mas há questões complexas que às vezes podem ocorrer durante as inspeções que o

filósofo realiza em clínica e que passamos a considerar.

A primeira ocorrência complexa refere-se ao fato de que as buscas, os caminhos existenciais da pessoa, podem não comparecer na historicidade da maneira expositiva mencionada nas locuções, termos e expressões, pois apontam para **encobrimentos**: denunciam uma coisa quando significam outra – provocando confusões. Uma ilustração sobre isso pode ser encontrada em Max Beckmann, pintor com propensões expressionistas de Leipzig. Sua obra "*Descida da cruz*" mostra o horror do que vivenciou da guerra. Depois, Beckmann ultrapassou notoriamente suas vivências e dirigiu seu trabalho para nus, para naturezas-mortas. .

Quando emigrou em 1937 por causa das perseguições nazistas, talvez Beckmann atribuísse a alteração dos temas de seus trabalhos a elementos que, uma vez pesquisados em minúcias, apontariam para outra explicação.

Isso é bastante comum. A pessoa atribui a determinados fatores os motivos de suas buscas, mas tais atribuições são já

conseqüências e não mais causas. Uma espécie de ilusão de ótica existencial.

Uma segunda complexidade trata da não aparição das buscas nas locuções, expressões e termos da historicidade da pessoa. Simplesmente não se detecta indicativos diretos da presença de um caminho existencial.

Este fator, primeiramente, pode estar relacionado ao fato de certas pessoas viverem caminhos que não se anunciam de outra maneira que não pela própria existência de si mesmos. Ou seja, eles são, mas não se prestam a definições, a nomes.

Um exemplo pode ser encontrado em Auguste Comte após 1825, quando conheceu e se casou com Caroline Massin, uma prostituta. Sua vida de atritos com a esposa o conduziu a uma tentativa de suicídio por afogamento no Sena, em 1827. Um guarda o salvou e Comte foi internado no asilo, sob os cuidados de Jean Esquirol.

Convalescido, algum tempo depois encontrou, por volta de 1844, a escritora Clotilde de Vaux; Comte saberia somente depois que Clotilde morreu que vivera os

melhores momentos de sua vida. Enquanto vivia aqueles momentos, talvez não soubesse disso, sendo então um elemento de busca ausente, do ponto de vista da anunciação, em sua historicidade. Ao que parece, Comte teria toda a certeza disso, pois toda a existência que teve a partir de então estaria fortemente acentuada pelo que compartilhou com Clotilde.

Há incontáveis eventos que somente após terem acontecido ganham o registro de uma Busca. Pela própria característica de determinados percursos, às vezes somente a pessoa percebe que ele foi percorrido quando enfim terminou.

Outra complexidade faz alusão à continuidade da Busca. O filósofo deve cuidar atentamente os aspectos não lineares, pois eles podem conduzir a enganos da compreensão.

Algumas buscas anunciadas enfaticamente podem subitamente desaparecer ao largo da historicidade da pessoa. Aparentemente, sucumbiram por manifestações como caduquice, choques, devaneios e outras. Mais tarde reaparecem como se nunca tivessem deixado de existir, aprimoradas, robustas; ou

reaparecem afiguradas como uma nova Busca, distinta daquela anterior, mas logo as analogias mostram a identidade inconfundível.

György Lukács rompeu com o governo marxista após trabalhar na política. Exilou-se na Áustria e escreveu *Geschichte und Klassenbewusstsein* em 1923. Após o célebre embate com Karl Jaspers e Jean-Paul Sartre, quando seu caminho parecia definido, revolta-se com os relatos das atrocidades de Stalin e então volta aos trabalhos políticos.

Veremos em outra parte algumas derivações vinculadas à continuidade das buscas.

Durante e após a historicidade, sinais específicos que investigaremos a partir de agora podem ocupar demoradamente a atenção do filósofo clínico. Em geral, manifestações dilemáticas para o contexto da clínica.



cacto sobre o alcantil, nas cercanias do farol da marinha,
no litoral sul de Santa Catarina.



tempestade típica composta pelas influências dos
ventos que sobem da Patagônia, da bacia do Prata.

Cessação das Buscas

Usualmente, uma pessoa declara em jantar de família que realizou parte importante de seus objetivos e que agora, aos 93 anos, apenas descansará, sem nada mais almejar. E, usualmente, o discurso parece socialmente sensato.

Negligencia-se talvez que a Busca pode ter aguardado as condições do avançado da idade para precisamente florescer. William Butler Yeats produziu seus clássicos já velho, pouco antes de morrer em Roquebrune-Cap-Martin, na França, em 1939. *The Tower*, de 1928, e *The Winding Stair*, de 1929, são obras que necessitaram de uma vida inteira como gestação. No ponto em que muitos param, Yeats avançou jovialmente.

Um outro movimento existencial, inusual aos entendimentos sociais, ocorre quando a pessoa atinge seus objetivos aos 20 anos tornando-se desinteressada pelos caminhos existenciais a partir de então. Aproximadamente, assim houve com Arthur Rimbaud que em 1874, com esta idade,

finalizou o manuscrito da poesia construída em prosa, *Illuminations*, e abandonou definitivamente as letras.

O fato é que uma Busca pode surgir quando as disposições da vida não permitem mais que ela ultrapasse os aspectos da ânsia, da volição; às vezes, tardou em sua maturação. O mesmo anacronismo que impulsiona uma Busca pode encerrá-la.

Aos dois exemplos que servem de introdução, acrescentamos a situação na qual houve a cessação das buscas.

Em tal caso, a pessoa nada mais almejará, desejará, buscará. Não colocará mais reparos no horizonte como quem adivinha um sonho, não manifestará projetos, não inventará caminhos.

O dilema que logo se coloca é não confundir um projeto em andamento com a Busca escolhida. A pessoa pode ter desistido de um caminho existencial, mas prossegue o itinerário da mesma maneira que um corpo continua a mover-se em decorrência de um impulso inicial, por inércia. A diferenciação desses fenômenos é mais simples do que possa parecer. O filósofo clínico costuma constatar

essa diferenciação logo nos enraizamentos, bem antes dos procedimentos clínicos propriamente tidos. A pessoa pode levar um casamento adiante não porque este constitui uma Busca, mas como a manutenção dos ossos de um corpo que morreu.

Vejam um exemplo. Pirro de Elida seguiu com Alexandre rumo ao Oriente. Interessou-se pelos faquires da Índia e entendeu que o rigorismo de seus procedimentos poderia levá-los à indiferença em relação ao ambiente. A felicidade prescindiria do meio. Com isso, chegou à suspensão dos juízos, epoke.

Bem, para os estudos que estamos fazendo importa que a indiferença pode se constituir em um modo de Busca, em uma ausência de Busca, ou, mesmo a pessoa empreendendo determinada ação, nada ter a ver com os desejos, as propensões, as inclinações pessoais.

Na historicidade, estes fenômenos podem se caracterizar quando a pessoa demonstra que para ela a existência não necessita de um sentido, não é preciso uma razão para viver, não há porque se ocupar com objetivos. Cada

momento se justifica em si mesmo e as conseqüências não granjeiam da vida um mínimo do que supostamente valeriam para que valessem o cultivo. Na Estrutura do Pensamento da pessoa a vinculação entre as buscas e os significados correlativos são precários ou inexistentes, em tais casos.

- 11. Busca
- 16. Significado

Fundamental ao filósofo clínico é entender que a cessação das buscas não torna necessariamente a pessoa uma infeliz, uma inconstante diante do mundo, um minério de ferro diante da sensibilidade da alma. Também não conduz necessariamente ao vazio, ao desespero, ao suicídio.

Sendo a Busca somente mais um elemento da existência (em Filosofia Clínica, um tópico da Estrutura do Pensamento), sua ausência pode ser necessária para que o espírito se recomponha em outros tópicos: sensorial, emoções, pré-juízos.

Consideremos, por exemplo, o que acontece no Mediterrâneo. A partir de meados de junho, com os verões secos ao extremo, um sistema eficaz de rotação nas plantações é instituído desde a antiguidade. As culturas temporárias são alternadas todos os anos com as terras de pousio. Semelhantemente, a Busca pode cessar exatamente para que as condições predisponentes as faça despontar em algum momento.

Há pessoas que existencialmente se comportam como um barco cujo leme preso à popa está quebrado; são os ventos aleatórios e os humores das marés que governam suas vidas. Nesse sentido, não conduzem e não criam os caminhos, mas são conduzidas por caminhos. Relegam suas trajetórias a tais contingências.

Disposições intrincadas como essas exigem estudos continuados por parte do filósofo clínico, pois são frequentes as confusões. Por exemplo: qual a natureza e o caráter do que fez Ernst Cassirer, que em 1930 tornou-se reitor da Universidade de Hamburgo e em seguida, com a ascensão de Hitler, desistiu dessa atividade?

O que pode ser um erro grosseiro em clínica é acatar, antes de conhecer a historicidade, que a pessoa necessita de uma Busca, um caminho existencial definido, vigoroso, que possa lhe servir de bússola e parâmetros.

Não ter aonde ir, não elaborar um sentido para viver, ignorar o significado da existência, tais elementos podem ser característicos da pessoa, podem não ser entrave de qualquer natureza à vida, podem ser mesmo desejáveis em determinados contextos.

Vamos exemplificar utilizando a Estrutura do Pensamento.

- 4. Emoções.....
- 8. Termos: Unívoco & Equívoco.....
- 11. Busca.....

Consideremos a seguinte associação tópica: o homem ama (4) sua mulher, desde que ambos mantenham uma Busca (11) equívoca(8) cuja característica é deixar que as coisas aconteçam aleatoriamente, sem planejamentos.

Uma tal associação tópica que assegure o amor pode ruir se as demandas em torno da Busca tomarem outras conformações, como garantias de um futuro e outras.

É importante perceber que há um ajuntamento de pessoas que, se não fosse coagido, seguiria um interessante caminho existencial andando à tuna; pessoas desocupadas de signos a cumprir, inaplicadas dos afazeres da sobrevivência, mundeiras. Sem compromisso, sem metas, sem bandeiras; apátridas. Evidentemente isso não significa ser livre, pois tal condição pode ser uma defesa à liberdade que muitos encontram na simetria das coisas.

Pessoas com caracteres fortes similares a estes ficarão ou partirão, participarão ou deixarão de lado, terão vínculos ou não a partir, provavelmente, de outros tópicos cujos elementos são a intuição, a sensação, a reflexão, a espiritualidade entre outros.

Francisco de Quevedo, escritor espanhol, em sua obra *Historia de la vida del buscón llamado don Pablos*, de 1626, narra as peripécias de Pablos, um vadio em um ambiente de libertinos, devassos, patifes diversos em

meios marginalizados. Naquela atmosfera, torna-se compreensível que determinadas buscas, mesmo nomeadas como se montadas em uma costuradeira, não têm peso subjetivo quando em relação com os demais tópicos da Estrutura do Pensamento, sendo pois irrelevantes na malha intelectual da pessoa. Praticamente, não existem.



*acima e abaixo, vegetações rasteiras que auxiliam na
fixação das dunas, nas proximidades da divisa entre
Santa Catarina e Rio Grande do Sul.*



Fenomenologia das Buscas

Os surgimentos, desenvolvimentos e termos das buscas freqüentemente aparecem no decorrer e no aprofundamento da historicidade da pessoa.

Com o intuito de simplificar a exposição, acompanhemos pela Estrutura do Pensamento:

ESTRUTURA DO PENSAMENTO

1. Como o mundo parece (fenomenologicamente)
2. O que acha de si mesmo
3. Sensorial & Abstrato
4. Emoções
5. Pré-juízos
6. Termos agendados no intelecto
7. Termos: universal, particular, singular
8. Termos: Unívoco & Equívoco
9. Discurso: Completo & Incompleto
10. Estruturação de raciocínio
11. Busca

12. Paixões dominantes
13. Comportamento & Função
14. Espacialidade : Inversão
 - Recíproca de inversão
 - Deslocamento curto
 - Deslocamento longo
15. Semiose
16. Significado
17. Padrão & Armadilha conceitual
18. Axiologia
19. Tópico de singularidade existencial
20. Epistemologia
21. Expressividade
22. Papel existencial
23. Ação
24. Hipótese
25. Experimentação
26. Princípios de verdade
27. Análise da estrutura
28. Interseções de estrutura de pensamento
29. Dados da matemática simbólica
30. Autogenia

A observação e documentação das buscas é amiudadamente simples, mas um exercício laborioso; como acompanhar Gustave Flaubert em *L'Éducation sentimentale*, de 1870; evidencia os hábitos de uma sociedade como propensos a fazer e desfazer buscas. Temos no personagem principal, Frédéric Moreau, o protótipo dos sonhos erguidos e solapados na vida dos homens. No escrito autobiográfico, Flaubert evoca o ambiente (1), as concepções que a pessoa forma de si mesma (2), os papéis existenciais (22), as inversões e suas recíprocas (14), e mais dezenas de tópicos, como formadores e demolidores dos caminhos existenciais.

A dificuldade central propriamente não se refere ao nascimento, aos desdobramentos e ao fim das buscas, mas aos elementos que trabalharemos a seguir, sempre acompanhando a Estrutura do Pensamento.

O primeiro elemento chama a atenção ao fato de que algumas buscas se estruturam de uma forma tal que se tornam essenciais à pessoa.

Nesse caso, entre todos os tópicos da Estrutura do Pensamento, a Busca é

determinante. Possui peso subjetivo suficiente para eclipsar manifestações tópicas ligadas a crenças (5), raciocínio (10), epistemologias (20), axiologias (18) e outras que se interponham no caminho.

Há partes a considerar em uma Busca quando ela é determinante para a pessoa. Nessa acepção, algumas pessoas, por exemplo, estão ocupadas existencialmente com o caminho e não se ocupam, em qualquer tempo, com o que obterão ao término da jornada.

Outro elemento é que, não raro, as buscas podem ser construídas para que sejam percorridas sem ser finalizadas algum dia. São abertas e, ainda que tenham surgido em um período determinado não mais findarão. Atingir o final daquilo que foi buscado pode ser a miséria do projeto; a essência era outra. Algumas concepções cosmológicas podem ser aqui atinadas. Religiosas, também. Considere uma pessoa que tenha vivido entre os essênios, cuidando as leis de Moises, e crendo essencialmente na imortalidade da alma, no galardão anunciado.

O próximo elemento discorre sobre a paga que uma Busca às vezes preconiza. Ou

seja, o que é alcançado quando a meta se cumpre. Uma questão cêntrica é analisar se a pessoa dispõe de intimidade suficiente com o que é buscado para saber se a interseção depois não será inteiramente diferente.

Recentemente, o Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas promoveu o Simpósio de Filosofia Clínica. No intervalo de minha segunda palestra, um homem me procurou na cantina e colocou o seguinte:

- *“A vida que tenho foi dedicada a ter um bom carro, minha casa com vista para as águas, meus filhos bem. O que eu mais buscava era dar a minha mulher o que ela nunca teve. Ela trabalhava perto daqueles igarapés imundos e a família dependia dela. O problema... agora nós temos as coisas. De alguma maneira a minha vida acabou. Eu tomo antidepressivos e sofro angústia.”*

Escutando atentamente parte de sua história pensei que talvez sua Busca fosse da natureza que citei. Somente teria maior segurança em meu parecer se tivéssemos muitas entrevistas além daquela.

Kant, na Crítica da Razão Pura, fornece parte do que pode ser a resposta. A razão, ao aludir conceitos (alma, Deus etc) que não podem provir da experiência, incognoscíveis por meio da sensibilidade, gera as "*ilusões da razão*", material especulativo. O homem, ao alcançar o que sonhou imaginava algo que somente funcionava em suas abstrações. No entanto, as buscas não dizem respeito somente à razão; há buscas sensoriais, emocionais, intuitivas e outras muitas.

Prende a atenção, costumeiramente, que uma pessoa tenha de finalmente alcançar tudo o que teve como meta durante a vida para se certificar de que não era, em realidade, nada disso o que de fato almejava – e que de outro modo jamais saberia.

1. Como o mundo parece (fenomenologicamente)
3. Sensorial & Abstrato
11. Busca

Uma explanação provável é que a pessoa atrelou a Busca (11) às abstrações (3), desconsiderando que a efetivação desta Busca

teria prolongamentos para as sensações (3), as orientações sociais (1) e outros.

Outro elemento: a Busca cujo caráter consiste em buscar, incessantemente e sempre. No consultório, o filósofo se depara com queixas delineadas; a pessoa afirma que não se encontrou, que está sempre à procura, que nada a satisfaz por muito tempo, que é insaciável, que leu em algum lugar sobre gente que tenta preencher o vazio com evasivas. É ordinário que tenhamos aqui agendamentos (6). A pesquisa filosófica clínica atenta pode evidenciar que inexitem causas que derivam ansiedades, ou outros fenômenos, com repercussões tópicas de Busca.

Assim sendo, há pessoas que estruturaram suas buscas em uma dinâmica que se alterna e refaz por movimentos dialéticos. Estudaram inglês, agora estudam francês, amanhã estudarão alemão e um dia falarão o espanhol; em seguida, continuarão buscando outras coisas.

Uma das questões graves que freqüentemente temos aqui sobrevém diante de pressões para a pessoa ter unicamente uma, e uma somente, Busca.

Em minhas aulas na Universidade Federal, em São João Del Rei, cidade histórica de Minas Gerais, encontrei um exemplo:

- *“Professor Lúcio, o senhor não liga para este meu jeito. Eu sou meio doidinha, sabe como é? Estou sempre inventando coisas para fazer, não paro quieta nunca. Mal terminei um assunto e estou ocupando a cabeça com outro. O senhor me aguarde, viu, professor, me aguarde!”*

Essa senhora, provavelmente, pelo que conheci dela depois, dispõe de uma Busca que se funda em buscar.

Um caractere também considerável é constitutivo de buscas que se vinculam aos discursos incompletos.

9. Discurso: Completo & Incompleto

11. Busca

Mais um elemento: certas buscas trazem como escopo a incompletude; são edificadas de um tal feito que terminam, independente da exuberância de que dispõem; em pleno viço ou

em infortúnio, sem contexto que respalde sua vicissitude, há Busca que apenas se dissolve.

A profilaxia é feita desde a historicidade, pois existe às vezes desde cedo uma propensão a segar os processos, ceifando ocorrências existenciais que curiosamente evoluíam em outra direção que não o fim.

São copiosas as razões que levam a este fenômeno. Uma delas é que a natureza de certas buscas é incompleta (9).

Giovanni Papini, um homem de alma agitada e acentuada por paradoxos, teve na vida diversas incompletudes de buscas significativas. Abria e fechava revistas, entrava e saía de dúvidas e dilemas existenciais que lhe abalavam seriamente a vida. É indicativo que as buscas incompletas provavelmente o tenham estabilizado em aspectos da vida, como a literatura.

Muitas pessoas não terminam o que começam, seja o matrimônio, os estudos, os trabalhos, a própria vida.

Vulgarmente é tido que a vida deve ser vivida até que se extinga por uma enfermidade, um acidente, por velhice. Isso habitualmente

assim será quando a vida for uma Busca associada a um discurso completo (9). A completude ou não de uma Busca às vezes não é identificável.

Há numerosos casos de pessoas que interromperam o curso da vida de modo inexplicável para os que conviviam com elas. Podem ter recorrido a modos estúpidos como colisões violentas de automóvel. Nesses casos estaríamos diante de buscas completas ou incompletas?

Um outro elemento importante a mencionar trata dos choques entre tópicos estruturais; tendem a ser irascíveis e impetuosos algumas vezes.

- 5. Pré-juízos
- 9. Discurso: Completo & Incompleto
- 11. Busca

Se a vida, como uma Busca (11) vincula-se rigidamente aos discursos incompletos (9), e tais conformações tópicas batem frontalmente contra verdades religiosas

(5) que defendem a vida como, entre outros temas, um discurso completo, a pessoa pode acusar um quadro complexo de sintomas.

Um elemento que também pede exames pormenorizados refere-se à noção de que uma Busca possa ser começada, desenvolvida e terminada em ordem sempre cartesiana; esta posição encontra muitos exemplos contrários no consultório.

Algumas buscas transcendem o tempo de uma vida; começam com ela, mas seguem para muito além, para muito depois.

1. Como o mundo parece (fenomenologicamente)
11. Busca
28. Interseções de estrutura de pensamento

As buscas que iniciam com uma pessoa podem ter vínculos profundos e essenciais com outras pessoas (28), dependendo até mais destas últimas. Ou podem ter correlações com a política da região, com a sociedade local (1). A questão é que rareando o conhecimento da

pessoa para este evento, ela pode cair em desalento diante de sua jornada.

Ainda um elemento, sobre as direções e os sentidos; ao observarmos determinados cursos de água, certos rios, notamos que a inclinação do terreno torna veloz, às vezes arrebatado, o correr das águas, especialmente quando uma queda-d'água se aproxima.

Algumas pessoas vivem suas vidas como se assiduamente nadassem contra as correntes. Muitas vezes existe um motivo para a Busca ser assim, muitas vezes a razão é tão remota que não mais chegamos a ela.

Os desconhecimentos em torno dos caminhos existenciais, o que não significa a estranheza do que neles é ocorrência, levam a uma questão fundamental em muitos atendimentos em clínica: o problema epistemológico.



*estradinha de seixos, calhaus e pedras miúdas, típicas
no vale do Araranguá*



*rio Araranguá aproximando-se da cidade de mesmo
nome, no litoral sul de Santa Catarina*

Problema Epistemológico

Um grupo não pequeno de seres humanos parece viver pressupondo que deve encaminhar suas vidas para uma circunstância existencial de futuro que envolva aposentadoria, alguma estabilidade afetiva, paz.

Um grupo não pequeno de seres humanos parece acreditar que existe um caminho adequado por onde possa transitar, em organização bovina, mas achando possuir pensamentos próprios e únicos.

Um grupo não pequeno de seres humanos parece ser atormentado com o caráter leviano e volúvel da política, da economia, da contingência humana. Basta considerarmos o que acontece conosco, com nossos amigos, quando o emprego falta, quando um câncer leva alguém que amamos, quando uma religião nos acusa de maus, quando não somos compreendidos ou aceitos por nossos 'semelhantes'.

Um grupo não pequeno de seres humanos parece querer custear o caminhar em sintonia com o imenso rebanho, sacrificando às

vezes todos os demais tópicos: emoções (4), o que acha de si mesmo (2), expressividade (21), raciocínio (10) e outros.

Um grupo não pequeno de seres humanos parece não ter a menor idéia do caminho existencial que percorre, mesmo quando ele é importante em sua vida. O argumento utilizado é que se o rebanho caminha sabe perfeitamente o destino desta caminhada. As críticas são, de modo geral, periféricas e ingênuas.

Hannah Arendt preparou uma obra única em tal âmbito, enquanto trabalhava na Conferência sobre as Relações Judaicas, nos EUA. Trata-se de *Origins of Totalitarianism*, de 1951.

Arendt apontou o totalitarismo como um modo diferente do que se conhecia de domínio político; a diferença era referente à modificação da natureza humana. Isso era obtido pela associação da ideologia ao terror; uma diferenciação da ditadura, do absolutismo. E uma parte não pequena de seres humanos pode supor que homens como Bush e Lula, aparentemente diferentes, saibam o caminho a ser trilhado por um povo.

Reporta-se assim ao problema epistemológico que inicia com tais considerações.

Inicialmente, foi ilustrado em Arendt no primeiro tópico estrutural Como o Mundo Parece. Mas outros tópicos podem ser utilizados com o mesmo alcance e de maneiras sutis. O fundamentalismo religioso, pré-juízo (5), é um exemplo.

05. Pré-Juízos

11. Busca

20. Epistemologia

Uma série de questões se impõe.

A primeira concerne à indagação da possibilidade do conhecimento do caminho.

Em sua *Ethica ordine geometrico demonstrata*, de 1677, Spinoza fez bastar os critérios de clareza e precisão das idéias como garantia da certeza do saber, em um paralelo com Descartes. Havia a convicção de que isso era consubstancial ao entendimento; Spinoza fazia alusão a Deus. Por conseguinte, ao atrelar

a Busca a um entendimento (epistemologia) nestas bases, Spinoza encerra os tópicos em um vínculo de necessidade.

Qual o fado que se afigura quando tal associação tópica (11; 20) é acometida por disposições de tópicos como o raciocínio (10), as sensações (3), ou um abalo advindo que questões autogênicas (30)?

Spinoza foi aqui citado porque sua historicidade mostra, mais de uma vez, o abalroamento nesta conformação. Provavelmente, para Spinoza a escritura ordenada desses tópicos assegurou a sina contra a intempérie que, também por isso, se abateu sobre ele.

A segunda questão é de ordem prática e invoca os procedimentos clínicos, que veremos no último capítulo. Mas vejamos o cerne deste problema agora.

Estudamos há pouco um posicionamento em Sócrates; existe nas virtudes a sabedoria; esta significa que a pessoa possui o domínio sobre ela mesma, pois a alma determina o corpo em tal caso.

O que há de comum entre todas as virtudes é a sabedoria, que, segundo Sócrates, é o poder da alma sobre o corpo, a temperança ou o domínio de si mesmo. A alma chega então ao bem, que exercitará porque precisamente o conhece. A conduta má e os maus costumes, fruto da ignorância, serão afastados.

- 3. Sensorial & Abstrato
- 10. Estruturação de raciocínio
- 11. Busca
- 20. Epistemologia

Ocorre que muitas pessoas são de fato socráticas em suas vidas. Tomam a resultante de suas reflexões (10) como o conhecimento (20) e embasam nisso as buscas. Essa construção socrática vem ao chão (10; 11; 21) se a pessoa tiver como tópico determinante, por exemplo, o sensorial (3) e uma predisposição a drogas.

Sendo o peso subjetivo determinante o sensorial (3), de nada adiantará a razão (10), o conhecimento (20), pois a sentença estará provavelmente marcada a um fim.

Tennessee Williams constitui um exemplo próximo; sua obra *The Night of the Iguana*, de 1961, exhibe os extremos de hipocrisia, degradação e sofrimento a que chega um padre que não consegue deixar o álcool. Sem algo que lhe sirva de conforto, desloca-se para o México à procura de alívio para a alma. Todas as reflexões e conhecimentos que Williams exibiu sobre o alcoolismo não foram suficientes para sua própria vida; problemas nervosos associados a doses descomedidas de ansiolíticos e tranqüilizantes, mais o vício do álcool, conduziram-no à completa extenuação cerca de oito anos depois de publicada a obra.

Nesta segunda questão do Problema Epistemológico o dilema é a ação que o filósofo clínico deve promover, uma vez que a pessoa pode ignorar, desde suas reflexões até seus conhecimentos, que está sendo arrastada por um fenômeno sensorial (3), sobre o qual talvez ela não tenha a menor ascendência.

A terceira questão do Problema Epistemológico trata exatamente de um desdobrar sobre si mesmo. Ou seja, uma epistemologia da epistemologia.

Seria possível o conhecimento do caminho e de seus desenvolvimentos, por mais admissível que o tivéssemos dentro de contextos restritos e uma orientação adequada nesse aspecto?

Estamos diante da propriedade do caminho.

Exemplificando, Jean-Jacques Rousseau, em *Émile*, de 1762, é essencialmente emblemático. O preceptor segue, aproximadamente, os seguintes passos na educação do jovem: afasta-o do convívio social (1), privilegia seus instintos (3), desenvolve sua capacidade de reflexão (10) e, por fim, inicia o jovem na religiosidade em Deus (5).

Agora, se relermos o capítulo *Enunciação das Buscas*, no início deste livro, notaremos que muitos filósofos, educadores, místicos, pensadores de diversos campos, propuseram noções sobre as buscas e sobre o sentido da vida.

Um entendimento outro é um impedimento do filósofo clínico para apontar o caminho da maneira como os filósofos até aqui fizeram.

A enunciação das buscas, em realidade, está na historicidade da pessoa, na maioria das vezes, e no que decorre dela.



*dunas móveis que às vezes desaparecem sob as águas;
ficam entre o rio Araranguá (à esquerda) e o mar (à
direita), no litoral sul de Santa Catarina.*



*as dunas subindo em direção aos rochedos do farol da
marinha*

Buscas Múltiplas

.Até esta parte do nosso estudo estivemos considerando a Busca como um evento existencial com feições singulares e isoladas; essa concepção de unicidade, exclusividade de experiências isoladas, separadas, evidencia um aspecto importante das pesquisas iniciais em Filosofia Clínica.

Um outro fenômeno que devemos considerar abrange a multiplicidade das buscas.

Eventualmente, um discurso permeado de certos caracteres aparece em clínica. A pessoa se diz *“dividida; cindida; repartida ao meio; quebrada em partes que não se encontram”*, e assim sucessivamente.

Durante um workshop seguido de palestra que realizei com o grupo do Centro de Filosofia Clínica do Triângulo Mineiro, em Uberlândia, prestei atendimento a uma jovem senhora.

- *“Não compreendo o que acontece comigo. Sou uma mulher dividida em duas partes. Parece que é assim. Quando uma parte de mim está feliz, a outra está triste, está*

nervosa, está desconfiada. Nunca estas partes se encontram. Eu sou a eterna insatisfeita.”

Evidentemente, em Filosofia Clínica pouco se pode dizer diante de um assunto imediato feito este. Precisamos trabalhar a historicidade da pessoa, enraizar os conteúdos, trabalhar os contextos últimos. Aparentemente, pelo que consegui entender desta jovem senhora durante a hora em que conversamos, os indícios apontavam reiteradamente para duas buscas básicas, igualmente consistentes, que lhe pareciam realmente dividir ao meio.

Vamos aprofundar o tema com base na Estrutura do Pensamento.

Consideremos um homem cuja busca consiste em viver para a família, os filhos, a dedicada mulher que ele ama, ao trabalho na empresa. Este homem é profundamente fiel a isso, tornando a associação tópica da Busca com o tópico 1 vigorosa.

Consideremos também que este mesmo homem contratou uma assistente bilíngüe para a empresa e que, por necessidades do trabalho, encontre freqüentemente com ela. Ele sente uma atração sensorial (3) intensa por ela.

Nunca sentiu nada semelhante, não imaginava que algo assim existisse de fato.

A partir do episódio, ele passa processos alérgicos desagradáveis, mas freqüentes.

1. Como o mundo parece (fenomenologicamente)
3. Sensorial & Abstrato
11. Busca

Este homem apresenta duas buscas simultâneas; a primeira, ligada ao tópico 3; a segunda, ao tópico 1.

Um segundo exemplo que buscas múltiplas relaciona os desencontros entre tempo e espaço.

Há pessoas que somente se encontram conosco e vem ao nosso mundo existencial (recíproca de inversão) no futuro; no presente, elas permanecem no mundo delas (inversão), mesmo estando ao nosso lado, de mãos dadas.

Ao pesquisar a historicidade, o filósofo clínico identifica que Maria, por exemplo, hoje está dedicada a resolver certas culpas, mantendo-se predominantemente nela mesma,

mal percebendo a presença do marido; no entanto, Maria vive lindos sonhos com este marido, sonhos de amor que acontecerão em alguns anos e, que, na prática, talvez jamais se concretizem. Sendo significativo ou não, o fato é que talvez Maria jamais encontre seu marido existencialmente, pois as buscas são incompatíveis no tempo e no espaço.

Os exemplos de multiplicidade são vastos.

Duas ou mais buscas concomitantes podem apresentar interdependência de sorte que uma somente logrará o êxito se isso ocorrer também com a outra.

Uma ilustração é factível em Rabindranath Tagore, filho do religioso hindu Devendranath Tagore; nasceu em 1861, em Calcutá, quando a Índia estava sob domínio britânico. Seu pai não aceitava a educação rígida e clássica, por isso tornou-se o responsável direto pela educação do filho.

Em sua obra Galpaguccha, de 1912, Tagore mostra que o resultado das viagens e estudos fez com que inventasse um caminho de conciliação para seu povo no qual associava

duas buscas. Tagore era defensor de uma Índia independente, dona irrestrita de seu próprio destino; porém, entendia que uma segunda Busca fundamental deveria caminhar paralelamente à primeira: a pessoa necessitava promover mudanças íntimas e isso deveria acontecer antes mesmo de se obter uma Índia livre.

Dentro da multiplicidade das buscas, como o filósofo clínico determina a identidade de cada Busca existente? Como sabe determinar quando inicia e termina uma Busca? Como sabe que uma Busca não é apenas uma particularidade menor de outra?

Por exemplo: um maratonista com pouco mais de 60kg chega a diminuir quase dez por cento do peso durante a prova. Enquanto transpira e sofre com a evaporação pulmonar, ele procura respirar de um jeito cadenciado; o fluxo sanguíneo mostra acréscimos consistentes; a temperatura do corpo aumenta podendo alcançar índices perigosos e ameaçando o atleta de um choque térmico. É comum a ocorrência de desmaios.

Tendo em vista que a Busca do maratonista é alcançar em tempo determinado

um ponto de chegada, muitas buscas concomitantes e complementares o auxiliam: a disciplina respiratória, a ingestão de líquidos para a hidratação, as abstrações que constrói durante a trajetória. Existe um revezamento de buscas, sobreposições, alternâncias, choques.

O entendimento da dinâmica que acontece entre tantas pequenas buscas coadjuvantes, e mesmo a dinâmica das buscas principais que, como vimos, podem fazer referencia a outros destinos que nada tenham a ver com a chegada, tudo dependerá dos contextos de historicidade nos quais a maratona e o maratonista estiverem envolvidos.

Na clínica filosófica, o filósofo precisa estar atento a manifestações diversas referentes às buscas.

Descuidos durante os trabalhos podem levar o filósofo a se ocupar de buscas periféricas, coadjuvantes, que têm sua importância, mas que então são trazidas a um âmbito central que não lhes pertence.

Os cuidados são essenciais, pois há, por exemplo, buscas que existem como recurso para que outras nunca se pronunciem.

O romance O Ateneu, de Raul Pompéia, surgiu em partes em 1888, em publicação de jornal. Autobiográfico, temos em Sérgio, jovem do colégio interno, mágoas que seguiriam com Pompéia provavelmente a vida inteira.

Uma das buscas de Sérgio, enquanto estava na escola, dizia respeito a uma interseção marcada por dubiedades com Bento Alves; este, um jovem robusto, corajoso. Por vezes, Alves servia de ressalva, de escudo, de inspiração e de ameaça ao caminho de Sérgio que procurava a liberdade daquela opressão. O dia-a-dia era um suceder de amarguras, de refrear.

Há alguns anos estive no Rio de Janeiro para fazer palestras na Universidade Federal e na Universidade Estadual. Um casal que acompanhou minha primeira palestra marcou consultas imediatamente.

O desfecho foi inteiramente outro em relação ao assunto pelo qual agendaram as consultas.

A mulher mostrou-se surpresa ao identificar que mobilizou suas forças, realizou duas renúncias caras, sofreu alguns

rebaixamentos para ter aquele homem com ela; tudo para não estar diante de sua Busca maior, que se compunha em mudar para Niterói, assumir um posto de chefia, “*ser responsável pela própria vida*”. Isso a fascinava e a intimidava a um só tempo.



pequena ponte de madeira, típica em todo o sul de Santa Catarina



rio Araranguá, quando verde-esmeralda

Procedimentos Clínicos

A natureza da Busca determina o procedimento clínico a ser utilizado. O filósofo considerará a enunciação das Buscas, os elementos na historicidade, a possibilidade da cessação das buscas, a fenomenologia, o problema epistemológico, a pluralidade das buscas.

Um número importante de buscas ocorre e se efetiva na associação tópica

3. Abstrato

11. Busca

Isso quer dizer que prescindem da materialidade. A pessoa não necessitará construir um prédio, mas idealizá-lo em suas conformações mentais. É vizinho de alguém que resolve os problemas do mundo em uma conversa na calçada de um bar com suas mesinhas de madeira, e cerveja. A Busca dessa pessoa, e de milhares semelhantes, costuma ser efetivada nos devaneios que nunca provavelmente irão além daquela mesinha de calçada. Ao compartilhar tais sonhos com o filósofo, a tendência é que as buscas imateriais

se encaminhem para seus destinos. Evidentemente, ajustes podem ser necessários nesses encaminhamentos.

Outra natureza das buscas são conformadas dentro do Problema Epistemológico que estudamos. Faust, de Goethe, é um exemplo. A pessoa descobre percursos que são becos sem saída (Armadilha Conceitual), entende que construiu uma miragem que nunca será alcançada, percebe que a caminhada que trilhou foi uma resposta a um modo de viver. Mas a salvação que houve com Faust nem sempre é encontrada na clínica filosófica.

Ocorre também de a pessoa necessitar do filósofo para caminhar existencialmente com ela, acompanhando-a em sua jornada, posicionando-se em seu silêncio, suas interpretações, colocando dúvidas e informações conforme a geografia da trajetória. Essa ação exige do filósofo um entranhado conhecimento dos anseios de seu partilhante.

Fatores tópicos diversos se apresentam. Às vezes a pessoa somente caminhará com o auxílio ou a companhia de outras. Isso pode ter

ocorrido com Jakob Böhme, o sapateiro de Gorlitz; trabalhou e ergueu uma liga de artesãos, e essa liga foi atuante para que pudesse difundir idéias filosóficas; por ser o primeiro a colocar no papel a Filosofia na língua alemã, ficou conhecido como Philosophus Teutonicus.

O filósofo clínico pode agir questionando os caminhos da pessoa (10).

Adequando a Busca da pessoa a uma conversação como o ambiente onde ela ocorre (1).

Conferindo com a pessoa a pertinência da associação de suas buscas com o segundo tópico estrutural (2).

Não é raro que a opinião que a pessoa faz dela mesma esteja relacionada ao que alcançou, realizou, produziu na vida. A Busca pode ser a maneira pela qual a pessoa avalia a vida e sua existência. Ivan Turgueniev exemplifica a questão em sua obra Pais e filhos, na qual apresenta as angústias de Basarov, um homem bondoso que falha em seus propósitos de ter a vida sem fé, sem moral, cética. Turgueniev aponta a inutilidade e o precipício para onde se

dirige uma aristocracia vaidosa, abastada, que sacrifica um povo em nome de suas leviandades.

O filósofo, em muitos casos, identificará com a pessoa os relacionamentos entre as buscas e os estados afetivos (4). Aprofundarão ou debelarão vínculos tópicos. Uma ilustração está em são João Bosco e seu afetivo método pedagógico; professor e alunos juntos, próximos; a generosidade é o caminho para a educação, considerava são João Bosco. A Busca encontraria então seu caminho esteado no amor.

De fato, algumas buscas somente serão realizadas conforme esta disposição tópica; outras, tombarão pelo mesmo motivo.

Há buscas que somente chegarão a um exercício de existência se estiverem unidas à fé (5).

Houve uma ocasião em que uma colega teve um sério abalo em sua vida familiar. Escreveu-me contando o que se passava; as dificuldades eram muitas. Ao final da carta, admitia que unicamente a fé, que estava firmemente enlaçada em suas buscas, fazia com que pudesse prosseguir. Em sua Estrutura de

Pensamento, a fé se fortalecia mediante a reflexão sobre textos sagrados que tivessem relação com os fatos acontecidos com ela. E foi precisamente esta a recomendação que passei. Um segundo exemplo acha-se em santo Antão; segundo o que sabemos por seu biógrafo e amigo santo Atanásio, Antão padecia com visões horríveis e fascinantes; intrépido, resistiu orando continuamente, realizando penitências, exacerbando sua fé.

Outra ação que o filósofo pode executar trata de deslocar as buscas da pessoa a elementos da espacialidade como os deslocamentos e a recíproca de inversão (14).

Impossibilitado de alcançar o que desejou e pelo qual trabalhou, pertinaz, por parte significativa da vida, o indivíduo pode desmoronar a própria existência. Isso, no entanto, será diferente e bem-aventurado se o filósofo detectar que na Estrutura do Pensamento dessa pessoa ela tem aberturas de vínculos em suas buscas com elementos da recíproca de inversão. Desse modo, um exame e acompanhamentos atentos a jornadas de personagens ou de pessoas pode causar a realização das buscas por meio de outras

pessoas. Isso ocorre às vezes em pais que se resgatam e se admitem inteiramente realizados por meio de feitos que seus filhos empreenderam.

Um aliado relevante nos procedimentos clínicos é a semiose (15). O filósofo, ao modificar dados de semiose pesquisados na historicidade da pessoa, encontrará alternativas para buscas que em alguns casos nunca chegariam a uma efetivação. É assim que, por exemplo, uma pessoa que se frustrou em um relacionamento, malogrando o que tinha como o maior feito de sua vida, pode se socorrer, e, conforme as especificidades, modificar sua versão sobre os fatos se escrever suas experiências naquele estilo ferino de Jean de La Fontaine em *Les Amours de Psyché et de Cupidon*, de 1669, mesmo sem a mesma virtuosidade. Alguns destinos que levam a desesperança intensa poderiam ser evitados poupando o destino de Fedra e Hipólito às pessoas que não o desejassem.

O filósofo chega a profundidades existenciais na pessoa que às vezes demonstram a aversão veemente a compartilhar caminhos. Há inúmeras pessoas que não conseguem

vivenciar em paz seus caminhos existenciais simplesmente porque estão acompanhadas em uma viagem que somente conseguem apreciar sozinhas (21).

Fazem as entrevistas com o filósofo clínico até o ponto em que começam a trilhar a Busca; não há lugar nem mesmo para quem as auxiliou de algum modo a caminhar.

Fenômenos ocorrem nas buscas de pessoas que dividem entre elas outros elementos tópicos, fenômenos que podem estar em silêncio por longo tempo até irromperem de maneiras inesperadas (26 e 28).

Dois pessoas que se casaram há anos podem descobrir que suas buscas hoje apontam para caminhos distintos e inconciliáveis. A análise clínica indica que em muitos casos isso é irrelevante: a Busca pode ser um tópico sem ascendência na vida dessas pessoas. Portanto, o fato de seguirem caminhos diferentes, até antagônicos, pouca determinação tem em suas existências. Não raro, serve de estímulo a outras associações tópicas essenciais para a boa interseção do casal. O contrário é igualmente legítimo: pessoas que convivem e têm as buscas

perfeitamente em harmonia nem por isso vivem melhor. Obviamente caminhar juntos não significa caminha bem e em paz.

Um filósofo clínico que tenha apurado com prudência a historicidade de seu partilhante, sabe que manifestações como a morte, o suicídio, a perda são existencialmente defensáveis mediante fundamentos contextualizados na vivência da pessoa.

Algumas pessoas têm na morte o maior evento de suas vidas. Alguns somente conseguem viver, já na iminência do suicídio, poucas horas antes do ato final, os melhores momentos de uma existência que se caracterizou pela dor extrema, por expectativas arruinadas.

Tentar reduzir a ação do filósofo clínico a uma atitude ética é negar a própria natureza da atividade clínica, que é axiológica, epistemológica, médica, filosófica e outras.



estradinha de areia, típica do sul de Santa Catarina



*gramíneas avançando sobre as margens do rio
Araranguá*

Conclusão

“Provavelmente seremos amados, inimizados, deixados, achados, esquecidos, lembrados, aviltados, perdoados; perderemos o que nos parecia ser o mais importante e ganharemos outras coisas importantes; seremos traídos, maltratados, acarinhados, e todas as recíprocas pertinentes parecem também prováveis. Não estou certo de que poderemos ser poupados disso com os estudos que estamos realizando, é claro; estou intrigado sobre a amplitude que se abrirá em nossas alma, isso sim.

Porém, o que nos ensinam as buscas, entre tantas lições?

Ensinam que a vida pode alcançar um sentido se na Estrutura do Pensamento da pessoa o tópico Busca (11) estiver associado ao tópico Significado (16). Confessam que o caminho muitas vezes dependerá exclusivamente de nós, e em outras vezes seremos impelidos, açulados, contra o nosso arbítrio; professam o determinismo de vidas que são mensuradas pela exatidão dos

centímetros e pela displicência dos ventos; as buscas ensinam que todas as coisas passam e que todas as coisas não passarão nunca; ensinam temperamentos, humildade, fins e começos.

Mas somente ensinarão estas e outras lições se o filósofo quiser aprender em sua clínica e se forem estas as lições a serem aprendidas. Muitas vezes as lições serão outras.”

Foi isso o que falei em uma de minhas últimas aulas na Universidade Moura Lacerda, em Ribeirão Preto, quando finalizava um exercício sobre as contingências das buscas existenciais.

Durante a tarde daquele dia, como de costume, fiz atendimentos a várias pessoas nos jardins da Universidade.

Uma senhora, a quem vinha atendendo há meses, fazia sua última consulta comigo. Seu marido morrera no início do ano sem que ela pudesse lhe dizer algo que havia guardado por toda a vida.

Casaram-se jovens, tiveram filhos, e ele sempre a amou acima de tudo. *“Um homem de*

valor, um bom pai, um bom marido, um bom” – disse-me ela em uma consulta anterior.

Mas o fato é que ela nunca o amou. Granjeava carinho e amizade, que ela sabia diferenciar e afirmar não serem amor.

No íntimo, compreendia que ele sabia disso; no entanto, jamais tocaram no assunto. Houve brigas graves durante a vida em comum, houve acusações e mágoas, e nunca sequer um dos dois mencionou esse fato, um segredo que ambos conheciam, que ambos guardavam como se o outro não soubesse.

Desde a morte do marido, ela construiu uma Busca difícil de ser atendida; tal Busca consistia em falar a ele sobre isso.

Estávamos sentados em um banco de madeira, perto de uma belíssima gruta com uma pequena peça escultural de Maria, onde um curso artificial de água corre. Os primeiros alunos da noite começavam a chegar.

Havíamos trabalhado a Busca nas últimas consultas. Ela então se precipitou, abriu a bolsa e puxou um pequeno gravador.

Delicadamente, ligou e ouvimos por quinze minutos o que ela não disse por muitos anos ao marido e agora finalmente dizia. Naqueles minutos, ora demorados e ora breves, ela manteve a cabeça sempre baixa e chorou; chorou muito e silenciosamente.

Na fita ela confessava que nunca o amou, que, em realidade, casara por vicissitude de um capricho. Confessava que muitas vezes sentira repugnância quando ele sentira desejo; afirmava que em diversas ocasiões se divertiu com os embaraços por bagatela que ele cometia ao expressar a afeição que sentia; que por duas vezes teve encontros íntimos às escondidas com outros homens; que viver com ele era cômodo financeiramente e que por isso seguiu casada quando na verdade desejava a separação. Depois acrescentou que ele foi o homem mais bondoso que conhecera; aprendeu a respeitar suas fraquezas, pequenas diante de seu carinho pelos filhos e por ela; disse, em voz penosa e intensa, que aprendeu com ele honestidade, compromisso, fé. Agradeceu, dispendiosamente devido à emoção, pela vida maravilhosa que tiveram. Pediu, infundindo um carinho repentino à voz, que Deus o abençoasse e que,

se possível, fosse perdoada pelo verdadeiro amor que teve e que quando enfim estava pronta a corresponder por ter compreendido, perdeu.

Enxugou suavemente as lágrimas. Em paz, guardou o pequeno gravador. Deu-me um beijo na face e me dirigiu um olhar repleto de gratidão; caminhou em direção à saída.

- Adeus, Dr. Packter – foi a última coisa que me disse.

Eu tinha ainda alguns minutos antes de me dirigir às aulas. Olhei para a meiga imagem de Maria em sua complacência. Com minha alma comovida e agradecida, arrumei alguns papéis na pasta, olhei para o céu costumeiramente impressionista de Ribeirão Preto, e pensei sobre os caminhos curiosos que fazem as trajetórias da vida serem como realmente são.



rio Araraguá em um momento de paz, no litoral sul de Santa Catarina, próximo à foz.



rio Araraguá descendo desde os paredões da Serra que alcançam cerca de 1000 metros de altura.

Posfácio

No paralelo 28, no extremo sul do Brasil, um rio de água verde-esmeralda tem sua foz no oceano. Quando era guri, durante os meses quentes de férias veraneávamos há poucas centenas de metros de sua desembocadura. Meu pai era cirurgião em um pequeno hospital nas redondezas e o local era adequado caso fosse chamado para alguma emergência, o que não raro acontecia.

Nossa casa ficava em frente ao mar, cercada por restinga com aquela feitura arenosa, porosa como esponja. As gramíneas cresciam por toda a parte; eu e meus irmãos brincávamos com nossos soldados e toda a cavalaria entre aqueles cipós de flores que encordoavam as dunas maiores. No início da vida achei que bromélias, cactos e samambaias fossem tão abundantes no mundo quanto aqueles caranguejos amarelos dos areais, besourinho-da-praia, viúva-negra, gafanhoto-grande, coruja-buraqueira, perereca. Com seis anos eu achava que o mundo não poderia ser muito maior do que a restinga. Meus argumentos eram consistentes diante da

variedade que descobria a cada dia, como sumarés, aperta-goela, açucena, cactos, aroeirinha, jurema. Admitia então que o mundo seria apenas uma parte maior de praia, de Morro dos Conventos.

Algumas notícias me causavam encanto. Nunca mais considerei da mesma maneira as dunas que se estendiam poucas jardas depois do fundo de minha casa quando soube que elas vinham se formando há cinco mil anos. Na realidade eu não entendia direito o que seriam cinco mil anos, entendia que era algo importante, e sabia que se multiplicasse indefinidamente o tempo que durava uma aula em dia de chuva as coisas se equivaleriam.

As dunas eram ocasião para caminhadas à tardinha, nunca com o sol alto. Serviam para todo o tipo de coisa, desde esconde-esconde até refúgio para momentos difíceis. Um vizinho nosso costumava fugir para lá colocando os poucos moradores da aldeia em missão de socorro. Com o tempo, ninguém se preocupava com isso; ele fugia pela manhã e antes do anoitecer estava de volta. Uma parte das dunas descia até a base do costão rochoso. Esse costão era um grupo de

falésias com oitenta metros de altura, rochas com cerca de duzentos milhões de anos. Não sei porque, mas, para mim, as dunas brancas pareciam sempre mais antigas. Numa lógica difícil de explicar, entendia que primeiro veio o rio, depois as dunas e, por último, muito depois, os rochedos. As plantas e pequenos animais pareciam recentes e deveriam regular em idade comigo, já então com oito anos.

Era raro conter o entusiasmo ao saber que as primeiras civilizações locais abrigavam-se dos inimigos nas furnas e que havia tesouros escondidos lá. Não sei de nenhum amigo que não tenha procurado pelos tesouros em buscas que planejávamos com diligência. Tínhamos objetivos nobres e sabíamos o que faríamos com os tesouros, a começar pela compra da sorveteria.

Cada parte da aldeia tinha suas lendas. Não era tarefa simples separar as crendices dos fatos históricos. Minha mãe, imbuída de judaísmo, me ajudava quando eu me perdia.

Era um fato que depois de 1580 os índios passaram a ser caçados na bacia do rio Araranguá em seus aldeamentos indígenas. Era fato a estrada que foi aberta em 1730 unindo a

embocadura do rio até o planalto serrano para a passagem das tropas, do gado, das mulas carregadas. Seria fato ou invencionice a origem do nome do povoado, Morro dos Conventos? Os jesuítas podem ter originado o nome quando estiveram no lugarejo. Mas o provável é que navegadores, observando os rochedos torcidos do alto mar, tenham achado as falésias um agrupamento similar a um convento. É curioso. Já avistei as penhas elevadas da balsa do rio, de pequenos barcos pesqueiros em mar alto, e não sei como chegaram a imaginar conventos olhando para aqueles penedos escarpados. Nem isso às vezes eles parecem; parecem mais fragas soltas que lembram ilhas. Mas na época, assim como hoje, não tinha a visão de um navegador. O que sei do mar é o que descobri dele nos areais da restinga da beira-mar. E, sendo assim, Morro dos Conventos é algo possível.

Na parte mais íngreme e sobranceira dos penhascos, o farol da marinha lança um poderoso fecho de luz por cerca de trinta milhas marítimas; do cimo onde ele foi construído avistávamos baleias francas e seus bebês, adivinhávamos os arrozais que cobrem

milhares de hectares, as comunidades de pescadores com suas confecções de esteiras, cestas, leques, tarrafas – construídas com a palha de butiá, junco, palha de milho e outros materiais.

Os índios carijós viviam ao sul; depois chegaram europeus e africanos.

Ao norte, existe um sítio pré-cerâmico, uma espécie de jazigo mortuário provavelmente do século quatro. Usavam cremação, coisa que nenhum de nós sabia ao certo o que era, mas que despertava nossa criatividade para todo o tipo de história.

Minha amizade com o rio era profunda quando comecei a ver seus contornos do cume dos rochedos.

Um fato é que comecei a considerar os caminhos da vida acompanhando as evoluções do rio Araranguá, mas isso somente constatei muito tempo depois. Na época, eram pensamentos bonitos e soltos na brisa.

Um fato, mas que muitos consideram dito invencioneiro, é que sua água pode mudar as cores diversas vezes em um dia, passando do azul-marinho para o verde-esmeralda, para um

amarronzado. Passei muitos dias na margem sul para saber que é assim.

E um fato é que este livro começou a ser escrito a partir das lições de vida, dos caminhos existenciais, que surgiram com a amizade de um jovem com um rio.

As primeiras lições eram elementares.

Com o balseiro aprendi as tenuidades que as rotinas podem requerer; e acuidade dos sentidos. Diversas vezes atravessei os cento e cinquenta metros nadando, ao lado da balsa, conhecendo então ensinamentos que não tinha quando desfrutava o traslado comodamente sobre suas madeiras.

O assoalho arenoso ou argiloso do rio trouxe a suavidade dos limites.

A barra móvel do rio, que oscila centenas de metros, mostrou um vínculo com o mar que varia da animosidade ao sôfrego; que varia de modo a chegar, mais de uma vez, a uma mescla indefinida de algo sequioso e abundante. Isso ocorria quando ilhotas surgiam e desapareciam furtivamente em questão de horas. As ilhas recebiam nomes de acordo com

as formas: ilha da canoa, ilha do barril, ilha da mama da vaca, ilha do careca.

Meu amigo rio causou-me medo em algumas ocasiões. Apenas seus motivos me acalmavam, mas nunca me abrandaram a tristeza.

Quando a maior parte de sua mata ciliar foi seriamente magoada, seus peixes mais habituais, como a tainha e o cará, diminuíram as aparições; quando os restos peritosos do carvão contristaram as cores de suas águas, os tóxicos do plantio do arroz assorearam suas calhas, quando seu manguezal – um dos últimos limites austrais da América do Sul – foi açodado, e quando as encostas foram desmatadas, o rio passou a ter acessos de fúria. De vez em quando, inunda a rodovia, traz impetuosamente, de rastos, casas; alui pequenas aldeias, assola plantações inteiras. Nesses momentos entristeço.

Nadei em suas águas quentes quando o mar esteve friíssimo; passei tardes e pedaços de noite em suas margens mansas; acompanhei suas peles douradas pelo amanhecer e adormeci muitas vezes com a candura de seus sons.

Ao iniciar este livro, fui caminhar pelas margens do rio; hoje, ele está mudado, mas ainda repleto de muito do que me propiciou. O balseiro não existe mais e em seu lugar uma balsa a diesel leva e traz automóveis. Tirei muitas fotos para ilustrar estas páginas. Banhei-me, ouvi os sons, acompanhei os ventos. Perguntei em silêncio se fora invenção ou fato a vez que nadei à noite com os botos que entram pelo canal da barra, que ainda hoje enfileiram os pescadores e suas tarrafas. E ele me perguntou se foi invenção ou fato a vez que caminhei sobre suas águas.

Reflexões, experiências, desdobramentos aconteceram desde que nossa amizade começou. Aprendi novas lições, arrependi-me de outras, e descobri outros caminhos a partir daqueles.

Este livro reportou as considerações que se seguiram aos dias de rio, dunas, farol, mar, na aldeia, no que se referem aos caminhos existenciais.